

A identidade negra: uma análise comparativa aos poemas “Grito Negro”, de José Craveirinha e “Havemos de Voltar” de Agostinho Neto

Esau Elias Constantino Nhanale *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-6072-492X>

RESUMO: O presente artigo é intitulado *a Identidade Negra: Uma Análise Comparativa aos Poemas “Grito Negro”, de José Craveirinha, e “Havemos de Voltar” de Agostinho Neto*. Tem como objectivo geral analisar a forma como os poetas José Craveirinha e Agostinho Neto contribuíram para o desenvolvimento da identidade negra em Moçambique e em Angola. A sua abordagem resulta do problema formulado que é: *De que forma os poemas do Agostinho Neto e José Craveirinha foram instrumentos valiosos na construção da identidade cultural no período colonial em Angola e Moçambique?* Para isso o trabalho prescreve os seguintes objectivos: (i) analisar a forma como os poemas de José Craveirinha e Agostinho Neto contribuíram para a valorização da cultura e identidade nacional, (ii) fundamentar a necessidade de valorização da identidade cultural negra em José Craveirinha e Agostinho Neto, (iii) analisar a identidade em Agostinho Neto e José Craveirinha, e (iv) descrever a forma como a identidade nacional é apresentada nos poemas “Grito Negro”, de José Craveirinha, e “Havemos de Voltar” de Agostinho Neto. Com vista a produção de resultados compatíveis com a nossa pesquisa, tivemos que utilizar a metodologia comparativa, à par, acoplamos o método bibliográfico que nos possibilitou a análise e interpretação dos textos. Este estudo nos permitiu chegar às seguintes conclusões: os poemas de José Craveirinha e de Agostinho Neto são um grande contributo para a luta pela valorização das respectivas identidades nacionais. Os poemas valorizaram os indivíduos da raça negra e a libertação dos respetivos espaços geográficos. Da análise feita, constatou-se o seguinte: textos, ora em comparação, preocupam-se em despertar o sentimento nacionalista. Uma sensibilidade que levaria a emancipação dos povos Angolanos e Moçambicanos através da reivindicação pelo uso da poesia. Na poesia “Grito Negro” a identidade, manifesta-se pela dessacralização. Na poesia “Havemos de Voltar” a identidade expressa-se pela sacralização. A identidade histórica é o denominador comum.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Identidade; Negro; Identidade Nacional

Identité Noire: Une Analyse Comparative des Poèmes « Grito Negro », de José Craveirinha, et « Havemos de voltar » d'Agostinho Neto

RÉSUMÉ: Le présent article s'intitule *Identité noire: une analyse comparative des poèmes « Grito Negro », de José Craveirinha, et « Havemos de voltar » d'Agostinho Neto*. Son objectif général est d'analyser comment les poètes José Craveirinha et Agostinho Neto ont contribué pour le développement de l'identité noire au Mozambique et en Angola. Son approche résulte du problème formulé qui est : *En quoi les poèmes d'Agostinho Neto et de José Craveirinha ont-ils été des instruments précieux dans la construction de l'identité culturelle à l'époque coloniale en Angola et au Mozambique ?* Pour cela, le travail a comme objectifs: (i) analyser comment les poèmes de José Craveirinha et Agostinho Neto ont contribué à l'appréciation de la culture et de l'identité nationales, (ii) justifier le besoin d'appréciation de l'identité culturelle noire chez José Craveirinha et Agostinho Neto, (iii) analyser l'identité chez Agostinho Neto et José Craveirinha, et (iv) décrire comment l'identité nationale est présentée dans les poèmes « Grito Negro », de José Craveirinha, et « Havemos de voltar » d'Agostinho Neto. Afin de produire des résultats compatibles, nous

* Licenciado em ensino de Francês, Mestre em Gestão de Educação, estudante do Curso de Doutoramento em Língua, Cultura e Sociedade, Docente da Universidade Púnguè. E-mail: esaunhanale77@gmail.com

avons dû utiliser la méthodologie comparative, à la fois, nous avons couplé la méthode bibliographique qui nous a permis d'analyser et d'interpréter les textes. Cette étude nous a permis d'arriver aux conclusions suivantes : les poèmes de José Craveirinha et d'Agostinho Neto sont une grande contribution à la lutte pour la valorisation des identités nationales respectives. Les poèmes valorisaient les individus de la race noire et la libération de leurs respectifs espaces géographiques. L'analyse nous a permis de vérifier que : les textes en comparaison éveillent le sentiment nationaliste. Cela conduirait à l'émancipation des peuples angolais et mozambicain par la revendication através la poésie. Dans la poésie « Grito Negro » l'identité se manifeste através la désacralization, parcontre dans la poésie « Havemos de Voltar » l'identité se manifeste par la sacralization. L'identité historique est le denominateur commun.

MOTS-CLÉS: Culture; Identité; Noir; Identité nationale

Vutivi bya Vantima: Nxopaxopo wo Fananisa wa Swithokorelo “Grito Negro”, hi José Craveirinha, na “Choro de África” hi Agostinho Neto

Ntirho wa swoswi wu na nhlokomhaka leyi nge Vutivi bya Vantima: Nxopaxopo wo Fananisa wa Swithokorelo “Grito Negro”, hi José Craveirinha, na “Choro de África” hi Agostinho Neto. Xikongomelo xa yona xo rhanguela i ku xopaxopa hilaha vathokoreli José Craveirinha na Agostinho Neto va hoxeke xandla hakona eku hlukiseni ka vutivi bya vantima eMozambique na Angola. Endlelo ra yona ri huma eka xiphiko lexi vumbiweke, lexi nga: Xana swithokorelo swa Agostinho Neto na José Craveirinha a swi ri switirhisiwa swa nkoka njhani eku akiweni ka vutivi bya ndhavuko eka nkarhi wa vukoloni eAngola na Mozambique? Eka leswi, ntirho wu veka swikongomelo leswi landzelaka: (i) ku xopaxopa hilaha swithokovetselo swa José Craveirinha na Agostinho Neto swi hoxeke xandla hakona eku tlangeleni ka ndhavuko wa rixaka na vutivi, (ii) ku tiyisisa xilaveko xo tlangela vutivi bya ndhavuko wa vantima eka José Craveirinha na Agostinho Neto, (iii) va xopaxopa vutivi eka Agostinho Neto na José Craveirinha, na (iv) va hlamusela ndlela leyi vutivi bya rixaka byi nyikeriwaka ha yona eka swithokovetselo swa “Grito Negro”, hi José Craveirinha, na “Choro de África” hi Agostinho Neto . Leswaku hi humesa mimbuyelo leyi fambelanaka na ndzavisiso wa hina, hi boheke ku tirhisa maendlelo yo pimanisa, hi nkarhi lowu fanaka, hi hlanganisile endlelo ra bibliyografiki leri hi pfumelelaka ku xopaxopa no hlamusela matsalwa. Dyondzo leyi yi hi pfumelerile ku fikelela makumu lama landzelaka: swithokovetselo swa José Craveirinha na Agostinho Neto i ku hoxa xandla lokukulu eka ku lwela ku vekiwa ka nkoka ka vutivi bya rixaka lebyi faneleke. Swithokovetselo leswi a swi teka vanhu va rixaka ra vantima ni ku ntshunxiwa ka tindhawu ta vona ta ntivo-misava swi ri swa nkoka. Xivumbeko lexi a xi ta hi yisa ekhombyeni ra xihlawuhlawu, xihlawuhlawu xa rixaka, hi laha xin'wana a xi nga tekiwi xi ri xa nkoka. Nxopaxopo wa hina wu hi pfumelerile ku tiyisisa leswi landzelaka: matsalwa mambirhi lawa sweswi ya pimanisiwaka, ya khumbeka hi ku pfuxa matitwelo ya vutiko. Leswi swi ta endla leswaku ku ntshunxiwa ka vanhu va Angola na Mozambique hi ku vula leswaku ku tirhisiwa vutlhokovetseri.

KEYWORDS: Ndhavuko; Vutivi; Vantima; Vutivi bya Rixaka

Introdução

O presente trabalho faz uma análise da valorização da identidade Negra nos poemas “Grito Negro”, de José Craveirinha, e “Choro de África” de Agostinho Neto. Assim, o artigo se organiza em quatro partes fundamentais sendo que a primeira corresponde a introdução a segunda parte é a revisão da literatura. Na terceira parte

apresenta-se os procedimentos metodológicos seguidos por uma análise de dados finalmente apresentamos as conclusões. Estes poemas foram produzidos no período das lutas de libertação nacional pelos poetas moçambicano e angolano, respectivamente. Para melhor aclarar esta *abordagem*, fizemos um cruzamento de *abordagens* teóricas num espírito comparativista aos poemas dos escritores ora mencionados. A esta acoplamos o método bibliográfico o que nos facilitou a análise e interpretação dos conteúdos.

Estudar poemas de autores nacionalistas é de crucial importância pois, estes lutaram para o resgate dos nossos valores identitários. A identidade analisada em poetas patrióticos alimenta e sustentam o ego da nossa africanidade numa perspectiva libertadora. Deste modo, encontramos a sua importância em inspirar as novas gerações com vista a conservação e manutenção das nossas identidades enquanto povos africanos e de herança colonial portuguesa particularmente. Assim, passamos a formular a seguinte questão, que orientará o nosso trabalho: *De que forma os poemas do Agostinho Neto e José Craveirinha foram instrumentos valiosos na construção da identidade cultural no período colonial em Angola e Moçambique?*

Com o nosso trabalho, pretendemos alcançar o seguinte objetivo geral: (i) analisar a forma como a os poemas de José Craveirinha e Agostinho Neto contribuíram para a valorização da cultura e identidade nacional, (ii) fundamentar a necessidade de valorização da identidade cultural negra em José Craveirinha e Agostinho Neto, (iii) analisar a identidade em Agostinho Neto e José Craveirinha, e (iv) descrever a forma como a identidade nacional é apresentada nos poemas “Grito Negro”, de José Craveirinha, e “*Havemos de Voltar*” de Agostinho Neto. Para melhor análise, iremos nos socorrer dos seguintes textos em alusão:

Grito Negro

Eu sou carvão!
E tu arrancas-me brutalmente do chão
e fazes-me tua mina
Patrão!
Eu sou carvão!
E tu acendes-me, patrão,
Para te servir eternamente como força motriz
Mas eternamente não
Patrão!
Eu sou carvão

E tenho que arder sim;
Queimar tudo com a força da minha combustão.
Eu sou carvão;
Tenho que arder na exploração
Arder até às cinzas da maldição
Arder vivo como alcatrão, meu irmão,
Até não ser mais a tua mina
Patrão!
Eu sou carvão.
Tenho que arder
Queimar tudo com o fogo da minha combustão.
Sim!
Eu sou o teu carvão
Craveirinha (1974 cit. em Tafarel, 2020)

Havemos de Voltar

Havemos de voltar
Às casas, às nossas lavras
às praias, aos nossos campos
havemos de voltar
Às nossas terras vermelhas do café
brancas de algodão
verdes dos milharais
havemos de voltar
Às nossas minas de diamantes
ouro, cobre, de petróleo
havemos de voltar
Aos nossos rios, nossos lagos
às montanhas, às florestas
havemos de volta
À frescura da mulemba
às nossas tradições
aos ritmos e às fogueiras
havemos de voltar
À marimba e ao quissanje
ao nosso carnaval
havemos de voltar
À bela pátria angolana nossa terra,
nossa mãe havemos de voltar
havemos de voltar
À Angola libertada
Angola independente
(Neto, 1979, p. 10)

1. Motivos da Valorização da Identidade Cultural Negra

O contacto da Europa com a África criou condições para o surgimento de desigualdades morais e políticas. Essas desigualdades eram baseadas na raça, em que o branco gozava de privilégios, em detrimento do negro. Nessas circunstâncias, o europeu era o mais rico, poderoso e que detinha poderes sobre o negro, senão, mesmo, o dono do negro. Era designado como sendo indígena e mesmo atualmente, nas nossas terras, continuamos sendo considerados ou designados de indígenas numa perspectiva de inferiorizar o negro. Daí a expressão utilizada em Craveirinha “Eu sou carvão! / E fazes-me tua mina patrão”. Nesta senda, o “carvão” é apresentado no sentido de aceitação da sua identidade negra e “patrão” a expressão é utilizada para se referir ao branco (colonizador/explorador), ou ainda, é conotativo daquele que detém mais poderes em relação ao outro e desta forma pode seu agenciador (proprietário do outro). A mesma situação pode ser sentida no poema de Agostinho Neto: “Havemos de voltar às nossas terras”. O autor, expressa uma nostalgia por uma pátria que não se pode habitar porque alguém que é mais dominador a tomara. Em simultâneo, nasce a necessidade de ter que valorizar o que lhe pertence. O retorno para essas terras exige o desprendimento do suor.

Segundo Fanon (2008), A exploração não está apenas baseada no colonialismo bélico, econômico, das nações europeias, mas principalmente nas diferenças de raça. É assim que, através da busca de identidade e afirmação cultural, o movimento literário vai expressar os seus sentimentos. A expansão portuguesa efetivada no séc. xv trouxe muitas consequências nos domínios culturais, econômico e social. Giddens (1998, cit. em Reis, 2018) afirma que, o projeto colonial se refere, primordialmente, à condição de libertação dos povos subalternos, reconhecendo a sua autenticidade cultural, política, econômica, ideológica. O autor procura demonstrar os valores identitários de afirmação cultural que moviam o homem negro a lutar pela sua afirmação cultural e ideológica.

O branco fortaleceu-se economicamente e o negro ficou numa situação desfavorável. Mitos e ideologias sobre o negro foram criados e difundidos. Senão, vejamos: o negro, além de ser indígena, passou a ser visto como pertencendo à raça de cão, animal de carga, raça infeliz. O negro não era visto espécie humana, mas como mercadoria ou objeto comercializável para trabalhar em grandes plantações e em obras de grande envergadura na diáspora. Para o efeito, José Craveirinha utiliza a expressão “carvão” para reforçar a ideia de que o negro é útil, no entanto, tem sido inutilizado, além de que serve de conotativo para reforçar a sua identidade racial. Em oposição a

Agostinho Neto, que opta pela afirmação da sua identidade cultural, no sentido de que “havemos de voltar às nossas tradições”, o que simboliza o enfrentamento de algumas barreiras. Sabe-se perfeitamente que, onde há gente ou pessoas há uma cultura, a negra, era solapada.

Deste modo, as nossas culturas e a nossa identidade eram massacradas com adjetivos como: povos primitivos, próximos de animais selvagens incapazes de por si próprios produzirem algo que seja valioso no processo civilizacional (Reis & Andrade, 2018).

A condição a que o negro esteve sujeito levou-o a reivindicar a sua identidade. Pois, apagava-se a civilização negra e os seus saberes autóctones. Nesta condição, o negro não tinha, humanamente, nada a oferecer ao branco pelo facto de ser considerado escravo. Neste âmbito, ocorria a perda de identidade pois, os negros deviam apenas assimilar a língua e a cultura do branco, com a agravante de não ter direito a nenhuma história. Os processos educativos coloniais visavam fazer o negro absorver valores do aparato ideológico do branco para que este se comportasse como ele. “Tu arrancas-me brutalmente patrão”, é o sentimento que se encontra em José Craveirinha para expressar a ausência de algum conteúdo e inutilidade sociocultural por parte do negro. A infrutuosidade construída pelo branco, que lhe serviria para a edificação de uma base para a aculturação das sociedades moçambicanas e angolanas, através da inculcação de princípios culturais alheios à vontade destes povos.

Do contexto acima referido, surge o movimento da negritude, visando dinamizar a libertação do homem negro. Os negros minimamente instruídos e assimilados viriam a mudar de comportamento em prol do seu irmão. A negritude, enquanto movimento de valorização do homem negro africano, teve a sua eclosão e impacto na França, com a influência de intelectuais renomados do séc. XX, nos anos 40-50, como Aimé Césaire, autor de “Cahier d’un Retour au Pays Natal”. Pode-se aferir que, o pensamento anterior esteja na origem da ideologia de Agostinho Neto no poema “Havemos de voltar”, sentimentos que eclodem pela necessidade de sair duma situação angustiosa vivenciada naqueles tempos. Da mesma sorte que não ocorre em José Craveirinha, mas presenciamos um sentimento de denúncias, de espólio em virtude da existência de um patrão que só quer retirar benéficos do negro.

A valorização da identidade dos povos, que era sufocada pela cultura de quem não dava trégua nem reconhecia a existência de outras realidades socioculturais, começou a ganhar valor com o surgimento do movimento da negritude. A literatura sugere uma

intelectualidade com o uso de poesia em defesa do negro. A mesma demonstrava a necessidade da defesa do seu espaço, a ideia de África terra mãe, a necessidade de união. A ideia de que “havemos de voltar Angola liberta” é também expressa em José Craveirinha no verso “mas eternamente não patrão!”. É um sentimento que veicula a necessidade de libertação dos homens, da terra e dos seus valores socioculturais, ofuscados pelo regime colonial.

A negritude passa, assim, a ser entendida como uma forma de expressão literária, sobretudo poética, do ser negro enunciado pelo negro. O seu valor residia na exaltação das tradições ancestrais e culturais do africano. A influência das obras de Aimé Césaire e seus contemporâneos teve, de fato, uma réplica na África e, em particular, em Moçambique e Angola, a partir do ano de 1926 até 2002, com destaque para José Craveirinha e Noémia de Souza. Estes lutaram para denunciar a subjugação do negro.

2.A Identidade Nacional em José Craveirinha e Agostinho Neto

Segundo dos Santos (1997, p.143) “as identidades além de ser plurais, são dominadas por obsessão da diferença e pelas hierarquias das distinções”. Assim percebe-se que o multiculturalismo, não deve nos levar a marginalizar ou estigmatizar o outro. Quem questiona das identidades procura também saber das suas referências históricas. O contexto em que Angola e Moçambique se encontravam submersos, era de dominação cultural e identitária. No entanto, a urgência e eminente preocupação com a questão da liberdade dos povos submersos no jugo colonial, levou à desvalorização do outro. A questão em causa era a libertação do “eu“, da identidade local e nacional. Enfatizamos o fato de não se ter feito alusão e previsão da cultura que se vinha adquirindo do regime colonial português. Qual seria o seu papel, uma vez que fazia parte de nós? Tanto no texto de Craveirinha, como no de Neto, não notamos a tendência da valorização do outro. Assim, a poesia de Craveirinha é iluminada em duas Perspectivas: a identidade e a revolta contra a exploração. A mesma tendência é patente na poesia do Neto.

Segundo Fonseca (2003), “a poesia de Craveirinha é permeada de marcas identitárias através do uso de recursos e nomeação de significantes africanos e de mecanismos de inserção das línguas orais e referentes culturais”. É desta forma que Craveirinha apresenta um discurso poético reivindicativo de valores étnicos, culturais moçambicanos e africanos. Essa maneira de pensar sobre a identidade, leva-nos a desaguar na ideia de uma identidade local e nacional, pensando no outro. O fato de o

autor aceitar que “ Eu sou carvão!” é, em si, uma aceitação da sua identidade como negro pertencente a um lugar particular. Esta colocação é mais profunda e ambiciosa no sentido em que atinge outros quadrantes geográficos. O negro não é representativo apenas do moçambicano; mas sim, de toda pessoa vivente e originário da África aliás, o negro está presente em todos continentes. Assim, se justifica que se ultrapasse o nível da territorialidade africana atingindo outros quadrantes do mundo. Se assumimos que a identidade não nos pode levar à segregação, é nossa percepção que todo o negro, independentemente do local de nascimento, se sentiria emancipado e advogado pelo “Grito Negro” de José Craveirinha. A identidade local ou nacional é pensada sempre numa tendência plural. Através do reconhecimento do fato de se ser negro, estimulada pela reivindicação do direito da mesma, ofuscada que fora por uma metrópole imbuída de visões egocentristas voltadas para a Europa e privadora do outro.

Já em Agostinho Neto, a identidade é representada de forma diferente. A representação de lugares e de gente angolana são marcas identitárias e inéditas que encontramos em Neto: “Às nossas praias, havemos de voltar”. É através da invocação de sítios típicos de lazer, da beleza do país e das riquezas da pátria angolana que o autor anuncia a sua identidade. Afinal, é uma identidade plural, por não ter olhos étnicos, expressão de pertença e originalidade angolana. Esta coincide com a negra, é feita através do reconhecimento e uso de expressão “terra mãe”, aquela que lhe viu nascer. Esta maneira de pensar, de representar a cultura e o povo, coloca os autores na posição de legítimos representantes e interlocutores dos seus povos ao nível local e, também, na globalidade territorial.

Segundo Glissant (2006), a busca de definição identitária, por um indivíduo ou por uma comunidade, pode por si representar duas funções da literatura. A primeira é a dessacralização que, para esse autor, consiste na descodificação dos processos de um sistema, ou seja, no desvendar dos mecanismos neles escondidos. A segunda reside na sacralização que, por sua vez, consiste na união da comunidade em torno dos seus mitos, das suas crenças, do seu imaginário, ou da sua ideologia. Assim, trata-se de uma literatura visando articular o projeto nacional.

Craveirinha, ao afirmar “Tu me fazes tua mina patrão!”, denuncia o mecanismo opressor do colonialismo português. É um sistema que funciona através da ofuscação do outro. No “mecanismo opressor, a classe operária é explorada através de mais-valias. O negro era obrigado a trabalhar longas horas sem repouso e a auferir salários precários.

Neste regime, o negro é mina do outro, pois, apenas serve como instrumento de enriquecimento do branco. Não bastando, Craveirinha denuncia os maus tratos à raça negra, que era vista como sendo da espécie animal, e sem direito ao espaço, sem cultura e ideal. É assim que Craveirinha denuncia a alienação do negro, no que concerne aos seus direitos básicos. Os mesmos eram colocados em causa pela burguesia imperialista colonial.

Assim, o poema "Grito Negro" de Craveirinha distancia-se do poema de Agostinho Neto, pelo fato de este último, propor uma união da nação através da sacralização. Segundo Bourdieu (1996, p.29), afirma que a sacralização pode ser interpretada como um fenômeno gerador e unificador das condutas humanas, em forma de senso prático do que deve ser feito em cada situação. São estruturas organizadas e duradouras capazes de constituir esquemas de percepção e ações adequadas a determinados campos. Assim, a sacralização da literatura subentende a ação de compreender como este campo opera para transmitir aos seus agentes certos condicionamentos numa apreciação natural. Esta manifestação pode ser atestada em Neto pela crença coletiva no valor da sua poesia e na pessoa de Craveirinha.

Segundo Bourdieu (1996, p.72) as categorias de pensamento que são utilizadas espontaneamente e aceites sem maiores questionamentos marcam diversos campos da sociedade. No campo da produção artística, os próprios artistas aderem a um discurso que naturaliza a ideologia dominante com afirmações etnocêntricas e ilusórias.

Ora, da colocação acima dada, notamos que a identidade é constituído por um mecanismo de transmissão de lendas, narrativas e valores espirituais e morais entre gerações de uma dada comunidade, povo ou grupo social, com a finalidade de fazer a manutenção de uma memória coletiva que é assegurada pela reprodução consciente e inconsciente desses sistemas simbólicos que correspondem aos mitos, língua, arte, religião. Estes são os elementos que compõem a identidade social. Pelo que podemos notar no poema de Neto, ocorre uma enumeração de locais que, especificamente, são particularidades de uma região e patrimônio comunitário angolana, para não afirmar que são recortes étnicos. Estes recortes não têm o objetivo de serem vistos como partes regionais, pois chamam atenção para o âmbito nacional, como quem pretende ver o "o belo" angolano como diverso, mas na tendência única (nacional).

A sacralização pressupõe a existência de fragmentos étnicos que devem ser olhados numa dimensão macro, o que chamamos de nacional para o caso de um país.

Bourdieu (1996) afirma que a identidade é uma forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social de indivíduos com implicações afetivas e normativas. A colocação do autor conduz-nos ao conhecimento de que é através de experiências acumuladas pela humanidade no tempo e espaço que se produz a identidade. É esta a percepção que nos leva a analisar, a seguir, com o mínimo de detalhe, o que seria a identidade nacional.

3. A Concepção da Identidade Nacional em Craveirinha e em Neto

A identidade nacional afigura-se uma representação construída por grupos que possuem interesse em impor a sua visão ideológica. Para Carvalho (2015), as representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classe sociais, aspiram a universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos. O poder e a dominação estão sempre presentes. Uma das características típicas da identidade presente no texto de Craveirinha é o seu interesse em despertar as massas da necessidade de se libertar do jogo do colonialismo. Este recrudescimento inspira uma universalidade, na medida em que há uma clara opressão exercida por uma classe dominante. Esta classe ofusca a camada mais desfavorecida em detrimento da classe protegida. Assim, faz-se apelo para o despertar do negro rumo à conquista das suas liberdades fundamentais.

Em Agostinho Neto, o universalismo é anunciado através da anunciação de lugares e regiões importantes da nação numa perspectiva unificadora. Carvalho (2015), afirma que a nação é essencialmente revolucionário e, através dela, assevera se o direito dos indivíduos se libertarem das cadeias dos sistemas monárquicos e de se constituírem como nações autônomas, detentoras da sua própria soberania.

Apesar deste pensamento ter sido construído para o contexto europeu, ele é válido para referirmos aos processos ligados às lutas de libertação nacional. Para o caso ora em alusão, a luta travada pelos poetas Craveirinha e Agostinho Neto, nesse período, representam uma cultura nacional que é expressa pelos poetas como sendo a ação, em si, de ser nacionalista e participante dos processos de libertação nacional. Este decurso culminaria com a libertação do homem e da terra. Esta maneira de olhar para a cultura, levaria à eclosão de outros pensamentos, uma vez se achando incompleta. Assim sendo,

Rename (1991 apud Mello, 2011, p. 35), redefine o que seria o fundamento da identidade nacional:

Uma nação é uma alma, um princípio espiritual. Duas coisas que, a bem dizer, fazem uma só. É a posse comum de um rico legado de lembranças e, outra, é o consentimento atual, o desejo de viver juntos a vontade de continuar a manter intacta a herança que recebemos.

O pensamento identitário nacional em Agostinho Neto e Craveirinha esteve sempre presente na alma do povo revolucionário o mesmo vai variar, em conformidade com o tempo e o espaço; que eles terem desenvolvido o pensamento identitário numa altura em que era necessário lutar pela libertação do homem e da pátria. Num período em que havia preocupação pela libertação, arduamente os poetas poderiam prever uma necessidade de libertação espiritual na continuidade de relacionamento sócio-cultural com o outro. Esta é a falha que os poetas revolucionários cometeram. A construção de um mundo novo, o mundo de tolerância, de amnistia, de reconciliação rumo a uma conquista que coabitasse com o passado.

4. Metodologia

A nossa pesquisa, seguiu uma metodologia comparativa que segundo Carvalho (1998, p. 6) trata-se de um procedimento mental que favorece a diferenciação ou a generalização. Desta forma, construímos o conhecimento através de análise e estabelecimento de diferenças e similaridades nos poemas de José Craveirinha e Agostinho Neto. Sabendo-se que a comparação não é um fim, tivemos que agregar o método bibliográfico que segundo Gil (2002, cit. em De Sousa, 2021, p. 65), está inserida principalmente no meio acadêmico e tem a função de aprimoramento e atualização do conhecimento através de uma investigação científica de obras já publicadas. Assim, tivemos que trabalhar com obras de que tivemos acesso. O nosso interesse era obtenção de suplementos teóricos que facultassem a análise e interpretação dos textos de Agostinho Neto e de José Craveirinha num espírito comparativista. Enfim fizemos análise de dados, que se extraíram dos textos em estudo com vista a darmos respostas as questões de pesquisa. Assim, construiu-se as conclusões da nossa pesquisa sem perder de vista a nossa pergunta de partida que é : De que forma os poemas do Agostinho Neto e José Craveirinha foram instrumentos valiosos na construção da identidade cultural no período colonial em Angola e Moçambique?

5. Análise de Dados e discussão

O que se pretende com a análise de dados numa pesquisa do âmbito bibliográfico como a nossa, é procurar dar respostas as questões de partida, que são suportadas por extrato dos textos em análise. Assim, analisa-se, os dados segundo a seguinte ordem:

- 1- De que modo se pode fundamentar a importância da valorização da identidade cultural negra em José Craveirinha e em Agostino Neto?

À frescura da mulemba
Às nossas tradições
Aos ritmos e às fogueiras
Havemos de voltar
À marimba e ao quissangue
Ao nosso carnaval
Havemos de voltar

Os dados apresentados pelo extrato do texto acima, representam a necessidade do povo angolano, outrora colonizado pelo regime fascista português; valorizar o que é da sua pertença. *“Havemos de voltar”* é uma sentença que simboliza a necessidade de um retorno aos valores culturais, históricos, tradicionais e linguísticos. O regime colonial tinha levado ao abandono do que é local em benefício próprio. Deste modo, impunha-se ao negro a identidade do outro. Portanto, o homem, não pode-se sentir livre enquanto não deter de liberdade espacial e cultural. Esta é a razão pela qual o autor sente a necessidade de um regresso à pátria solo. O regresso é conotativo da importância que o escritor dá aos valores identitários. Um regresso que não diz respeito a ele somente enquanto sujeito poético. Sim, a toda a sociedade angolana.

Segundo Fanon (2015, cit. em Pinheiro, 2019) Neto reivindica uma cultura nacional reconhecendo que o seu passado não era de vergonha, mas de dignidade, glória e solenidade. Esta colocação nos remete para a valorização da identidade cultural do negro. No contexto de Craveirinha, encontramos esta predisposição de aceitação da sua condição racial e identitária. O sujeito, ao afirmar que “eu sou carvão” assume a sua condição identitária primária. Nesta perspectiva, estamos diante de uma comparação onde se confronta a cor de carvão com a pele negra. Esta comparação nos remete não apenas ao sujeito poético mas sim a todo o moçambicano se não todo o indivíduo da raça negra. É uma forma de expressar valores identitários de pertença a uma nação. Esta nação se liga com outras através da ideia de povo negro um povo com consciência de se libertar e de se afirmar.

2 De que modo se pode analisar a identidade em Agostinho Neto e José Craveirinha?

Para melhor darmos resposta a esta pergunta, temos que partir do seguinte extrato de Craveirinha:

Eu sou carvão!
Tenho que arder na exploração
Arder até às cinzas da maldição
Arder vivo como alcatrão, meu irmão
Até não ser mais tua mina
Patrão!

O poeta, ao assumir que “*eu sou o carvão*”, aceita a sua condição racial, não somente como sujeito poético, mas sim, um sujeito plural. Um sujeito que é explorado desde a condição local até ao nacional. “Tenho que arder na exploração”, bem entendida a colocação do poeta, podemos perceber que Craveirinha, clama por uma libertação da identidade negra num contexto amplo que é o global. Assim, se pode analisar que a identidade buscada em Neto, é uma identidade dessacralizadora que segundo Glissant (2006), consiste na descodificação de processos de um sistema. Trata-se de uma poesia de denúncia e revolta em torno das barbaridades perpetradas pelo colono; tendo como fundamento a raça. Olhando para os presenteados do extrato da poesia de Neto:

À frescura da mulemba
às nossas tradições
aos ritmos e às fogueiras
havemos de voltar

Os dados ora transcritos, indicam que na poesia de Neto, traz-se um despertar à luz de uma identidade histórica, num contexto plural. “Havemos de voltar” é a expressão de manifestação de saudade dum passado coletivo. Estamos perante uma clara demonstração de uma identidade marcada pelo mecanismo de transmissão de lendas, narrativas, valores espirituais e morais entre gerações duma determinada comunidade. “Aos ritmos e as fogueiras” o autor faz alusão de transmissão de conhecimento através de lendas, anedotas, contos, histórias entre tantos valores que são típicos das sociedades orais. A transmissão de conhecimentos em comunidades de tradição oral ocorre em torno da fogueira. O regresso visa um projeto identitário e libertador do âmbito nacional. Assim se pode assinalar que na poesia de Neto, ocorre a

sacralização. Segundo Glissant (2006) a sacralização consiste na união de povos em torno dos seus mitos das suas crenças, imaginário, ou ideologia. Assim, trata-se de uma poesia muito bem marcada pela articulação de planos futurísticos do âmbito nacional reconhecendo as particularidades locais.

3 de que a forma a identidade nacional é apresentada nos poemas “Grito Negro”, de José Craveirinha, e “havemos de voltar ” de Agostinho Neto?

Eu sou carvão!
E tu acendes-me, patrão
Para te servir eternamente como força motriz
Mas eternamente não

Olhando para os dados da poesia, nota-se que a identidade nacional é dada pela aceitação da pertença a raça negra. Este negro, não se deve compreender na demissão singular. Pois, o poeta deixa transparecer que a condição do negro é plural, pelo que deve-se entender no âmbito local, nacional, continental bem como global. O poeta ao afirmar que "para te servir eternamente como força motriz" reivindica contra a dominação política, econômica e cultural a que o negro estava submetido. Quanto ao poema de Neto apreciemos os seguintes dados:

À frescura da mulemba
às nossas tradições
aos ritmos e às fogueiras
havemos de voltar
À marimba e ao quissangue
ao nosso carnaval
havemos de voltar

Nesta passagem, Neto (1979), identifica-se com a terra solo através da manifestações do desejo de regresso as origens. O escritor, apresenta nos uma nação compreendida na sua diversidade linguística, cultural, econômica e tradicional para de estar a falar de rituais típicos da nossa africanidade.

Conclusão

Com o advento do imperialismo português, a cultura autóctone do povo negro foi ofuscada, em prol da cultura ocidental. A luta pela dignidade cultural suscitava o espaço que é típico do africano. Assim, tivemos que fixar o seguinte objetivo geral: Analisar a forma como os poemas de José Craveirinha e Agostinho Neto contribuíram para a

valorização da cultura e identidade nacional, pois, acredita-se que a identidade é um elemento fundamental para a consolidação das liberdades dos povos e para a unidade nacional. Este objetivo foi perseguido graças ao uso da técnica de análise de conteúdos que se agregou ao método comparativo aos poemas de José Craveirinha e de Agostinho Neto. Tivemos que agregar o método bibliográfico afim de melhor e fazer a interpretação dos textos de José Craveirinha e Agostinho Neto.

A análise feita permitiu constatar que os dois textos ora em comparação, preocupam-se em despertar o sentimento nacionalista. É este sentimento, que levaria a emancipação dos povos Angolanos e Moçambicanos através da reivindicação pelo uso da poesia e luta pelas suas independências. A poesia desempenhou um papel de veículo dos sentimentos de moçambicanos e Angolanos. Assim, chega-se as seguintes conclusões:

No que tange a identidade nacional, José Craveirinha optava pelo uso de aspectos raciais que se enquadra no âmbito da valorização da identidade negra. A valorização do negro em Craveirinha; tem um eco do âmbito nacional que se pode entender como sendo sacralização. Neto recorria à exaltação da pátria, a sua apresentação nos remete ao contexto de dessacralização ao unir diverso povo denunciando os processos dum sistema colonizador. Em Neto, constata-se que há manifestação dum identidade histórica marcada por transmissão de conhecimentos por meio de lendas, anedotas, valores espirituais e morais entre gerações dum determinada comunidade típico da oral. No entanto, as visões são valiosas pelo fato de as mesmas estarem viradas para a mobilização e o despertar das massas rumo à conquista das suas liberdades fundamentais. Assim, se manifesta a identidade em Neto e em Craveirinha através de aceitação e o assumir a pertença ao grupo de negro e pátria que se podem compreender no âmbito continental e global.

Referências

- Benevides, J. L. G., Felipe, D. A., & Silva, S. A. da. (2018). Uma fênix renascida das “cinzas da maldição”: poesia e história moçambicana em “O grito negro”, de José Craveirinha. *Cadernos CERU*, vol.29, nº1, pp.50-75.
- Bourdieu, P. (1996). *As regras de arte: gênese a estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Carvalho, F. A. (21 de nov. de 2015). O conceito de representações segundo Lopes Chantier. *Estudos Avançados*, Maringá, vol. 9, nº1, pp.149-165.
- Cavalhal, T. F. (1998). *Literatura Comparada*. São Paulo: Editora Ética.
- Chantier, R. (2012). *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel.
- De Mello, M. E. (2 de Set. de 2011). Construindo o Conceito de Identidade Nacional. *Niterói, Revista dos programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras do UFF*, vol. 6, nº 11, pp. 31-39.
- De Sousa, A. S. (2021). Pesquisa bibliográfica princípios e fundamentos. *Cadernos da Funcamp*, vol. 20, nº 43, pp. 64-83.
- Dos Reis, R. B. (Agost/ Dez de 2012). Negritude em questão: das multiplicidades e conceptualizações do movimento por ocasião do Primeiro Congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros (1956). *Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG*, Minas Gerais, vol. 4, nº 2, pp. 1984-6150.
- Fanon, F. (2008). *Pele Negra, Máscara Branca*. Trad. R. d. Silva. São Paulo: Editora da UFBA.
- Glissant, E. (2006). *Introdução a uma poética da diversidade*. São Paulo: Editora UFJF.
- Gomes, S. C. (2011). Poesia moçambicana e negritude: caminhos para uma discussão. *Revista Atlantida*, São Paulo, vol. 46, nº 16, p.560-570.
- Laranjeira, P. (1995). *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Mendonça, F. (2002). O conceito da Nação em José Craveirinha; Rui Knofli e Sérgio Vieira. *Revista Via Atlântica*, USP, Maputo, vol.4, n.5, 52- 67.
- Neto, A. (1979). *Sagrada Esperança*. Lisboa: Sá da Costa.
- Piassa, Z. A. (2006). *Como Fênix renascida das cinzas: análise do processo histórico de formação de docentes em nível médio no Estado de Pará (Mestrado em Educação)*. Brasil: Universidade Estadual de Londrina.

Pinheiro, H. (12 de Dezembro de 2019). Agostinho Neto e Xanana Gusmão: poema da prisão. *Revista ALERE*, Coimbra, vol. 20, nº2, p. 2176-1841.

Reis, M. N., & Andrade, M. (mar. 2018). O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. *Revista Espaço Académico*, Maringá, vol.17, nº202, p. 245--272.

Santille M. A. (1985). *Estórias Africanas: histórias e Antologias*. São Paulo: Ática.

Tafarel, T. R. (2020). O Som de protesto na poesia de José Craveirinha. *Revista Interdisciplinar do IFMT*, Mato Grosso, vol.1 nº 10, pp.36-47.

Recebido em: 06/02/2023

Aceito em: 02/05/2023

Para citar este texto (ABNT): NHANALE, Esaú Elias Constantino. A identidade negra: uma análise comparativa aos poemas “Grito Negro”, de José Craveirinha e “Havemos de Voltar” de Agostinho Neto. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº Especial I, p.256-272, mai.2023.

Para citar este texto (APA): Nhanale, Esaú Elias Constantino. (mai.2023). A identidade negra: uma análise comparativa aos poemas “Grito Negro”, de José Craveirinha e “Havemos de Voltar” de Agostinho Neto. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (Especial I): 256-272.